

**O Envelhecimento e a Moradia:
Análise empírica em uma
Instituição de Longa Permanência
e a perspectiva do residente idoso**

*Aging and Housing: Empirical Analysis in a Long
Staying Healthcare Institution and the residents'
perceptions*

Maria Cristina de Mello Avelar

RESUMO: O envelhecimento da população mundial (e brasileira) é um fato incontestável. Apesar disso, as pesquisas voltadas à compreensão dos aspectos que influenciam a qualidade de vida da população idosa (principalmente no Brasil) são incipientes. Há dificuldades teóricas em relação a temas ainda não completamente entendidos. Os estudos empíricos que procuram validar as hipóteses teóricas também são escassos. Uma das dificuldades encontra-se no conceito de moradia e na sua relação com o envelhecimento. A revisão da literatura apresentada neste trabalho revela reflexões teóricas que propõem a moradia como um item essencial para se garantir o bem-estar amplo das pessoas idosas. O artigo testa as hipóteses sugeridas pela teoria através de uma pesquisa empírica desenvolvida no universo interno de uma instituição de longa permanência, a Instituição Assistencial “Nosso Lar” do município de Santo André. Os resultados sustentam a importância da moradia nas diferentes maneiras de se envelhecer. A institucionalização constitui a única possibilidade de moradia, dadas as condições precárias financeiras, de saúde e de conflitos familiares, dos residentes. Estes se adaptam à Instituição de formas distintas, gerando percepções múltiplas sobre o papel da moradia no processo de envelhecimento. Reafirma-se a dificuldade de se chegar a uma definição comum do conforto, o qual sempre envolverá questões objetivas e subjetivas da vida das pessoas. Alguns residentes conseguem aceitar a institucionalização não apenas como simples acomodamento, mas como uma “compreensão sábia”, que lhes permite “aprender a lidar” com os outros residentes e com os acontecimentos diários da instituição asilar. Essas pessoas se permitem novas experiências, amizades e realizações. Assim, mesmo em um quadro de precariedade, encontram um ambiente de estímulo e de busca a novos desafios nos contextos em que vivem.

Palavras-chave: Velhice; Instituição de Longa Permanência; Moradia.

Caderno Temático Kairós Gerontologia, 8, São Paulo, novembro 2010: 61-77

ABSTRACT: *The aging of population worldwide (and in Brazil) is an undeniable fact. One of the difficulties related to aging is the definition of housing. The literature review presented in this paper shows the theoretical reflections suggesting the housing as an essential element to ensure the welfare of elder people. The article tests some of the hypotheses raised by the theory through an empirical research developed in the inner universe of a long stay institution, the Healthcare Institution "Nosso Lar" in the city of Santo André. The results back the importance of housing in the different ways of getting old. The institutionalization is the only possible solution for housing, considering the residents' precarious financial, health and familiar picture, marked by stress and conflicts. The residents adapt to the healthcare institution in different ways and with multiple perceptions regarding the role of housing in their aging process. The difficulty of reaching a common definition for the "house's comfort" is reaffirmed. Such subject will always involve objective and subjective questions related to people's life. Some residents accept the institutionalization as a "wise understanding," which allows them to deal better with the other residents and the daily endeavors (and difficulties) of the nursing home. These people allow themselves to enjoy the new experiences, friendships and accomplishments.*

Keywords: *Aging; Housing; Long Staying Healthcare Institution; Residents' perception.*

1. Introdução

O envelhecimento da população mundial é um fato incontestável. Apesar das mudanças em curso na pirâmide etária, as pesquisas voltadas à compreensão dos aspectos que influenciam a qualidade de vida da população idosa são incipientes. Há importantes dificuldades teóricas ainda não completamente entendidas, bem como escassez de estudos empíricos que procuram validar as hipóteses sugeridas pela teoria.

Uma das dificuldades encontra-se no conceito de moradia e na sua relação com o envelhecimento. A revisão da literatura apresentada na seção 2 revela reflexões teóricas que propõem a moradia como um item essencial para se garantir o bem-estar amplo das pessoas idosas. No Brasil, porém, convive-se com uma realidade precária, principalmente junto às populações mais carentes. Em ambientes caracterizados por

escassez de conforto, as relações entre as pessoas idosas e seu espaço de moradia parecem severamente comprometidas. Questiona-se se tal situação pode conduzir a uma rejeição da moradia enquanto referência essencial para o processo de envelhecimento.

Nas seções 3 e 4, apresentam-se os passos desenvolvidos e os resultados obtidos em um estudo empírico que procurou testar algumas das hipóteses teóricas propostas para a relação entre moradia e envelhecimento. O estudo foi desenvolvido no universo interno de uma Instituição de Longa Permanência, a Instituição Assistencial “Nosso Lar”, do município de Santo André (SP). Na forma de conclusão, a seção 5 resume que os resultados obtidos sustentam a hipótese da importância da moradia nas diferentes maneiras de se envelhecer. Os residentes se adaptam à Instituição de formas distintas e desenvolvem percepções múltiplas sobre o papel da moradia em seus processos de envelhecimento.

2. Reflexões Teóricas Sustentadas pela Literatura

Conforme sugere Debert (1999), a concepção de envelhecimento tornou-se mais abrangente, transformando a ideia inicialmente dominante de que a velhice fosse vivenciada da mesma forma por todas as pessoas, como uma ocorrência que as homogeneizaria, independentemente das singularidades de etnia, classe, raça ou gênero. Passou-se a observar, além dos aspectos puramente biológicos, os sociais, os culturais, os psicológicos; enfim, a própria história acumulada no decorrer da vida, ou seja, as singularidades das pessoas. Confirmando essa mudança de concepção, menciona Vieira (2001: 18): “[...] o envelhecimento é um fenômeno universal, social e cultural, enquanto as velhices são processos pessoais e subjetivos”.

Há concepções preconceituosas, que, por vezes, se faz das pessoas idosas como seres necessariamente doentes, rabugentos e improdutivos, como se houvesse apenas um modo de vivenciar a velhice. É como se a velhice fosse responsável por maneiras de agir e pelos comportamentos que fazem parte da vida das pessoas. Sugere-se que a única coisa a fazer nessa etapa da vida é preparar-se para o fim e para a morte. Tais concepções são discriminatórias e limitam a pessoa idosa a uma única maneira de vivenciar a velhice: “Envelhecer sem perspectivas e sem projetos de vida.”

Tratando das possibilidades para a pessoa idosa, Varella (2003) explica que os vínculos construídos durante a vida, não apenas com os familiares, mas em todas as relações construídas no trabalho, no lazer e nos demais relacionamentos, possibilitam o desenvolvimento e a transmissão de vivências e conhecimentos a outras pessoas, portanto, são elementos relevantes para dar sentido à vida.

Acrescenta Varella:

Não é somente na família que o idoso encontra possibilidades de crescimento. Há outros meios, inclusive numa tarefa voluntária, nos grupos de terceira idade, que desenvolvem habilidades específicas, nas faculdades de terceira idade, nos livros, nos contatos sociais e outros. A velhice pode ser um grande momento para recuperar o tempo que passou. (2003: 33)

É preciso, então, que a pessoa idosa se permita novas experiências, amizades, realizações, que antes não eram possíveis, pois o tempo era consumido pelo trabalho e pelas obrigações diárias. Mas só isso não basta; o contexto em que ela vive deve também propiciar um ambiente de estímulo, de busca a novos desafios e que atenda às necessidades das pessoas idosas com dignidade. Esse contexto de vida está fortemente associado ao conceito de moradia, o qual deve ser explorado com maior rigor, para se compreender as realidades ou as necessidades das diferentes pessoas.

Entende-se que o envelhecimento e a velhice trazem algumas questões que podem causar certa inquietação e angústia às pessoas idosas. Segundo Avelar (2007), uma delas refere-se ao morar, ou mais especificamente, ao conjunto de temas complexos relacionados à moradia.

A velhice, em determinados casos, traz dificuldades adicionais em relação à moradia. No Brasil, essas dificuldades são críticas, pois a questão habitacional ainda não foi resolvida para a população em geral. Em certos casos, há a dificuldade de se adquirir um imóvel, por causa do baixo poder aquisitivo das pessoas. Isso reflete em uma população idosa precariamente servida de condições habitacionais próprias e adequada às suas necessidades.

Destaca-se também, diversos temas relacionados à diminuição da área física das moradias, o que restringe o número de seus ocupantes. Desse modo, a permanência da pessoa idosa no arranjo familiar está comprometida pela própria redução das casas.

Além disso, as edificações, com algumas exceções, não são planejadas para levar em consideração a longevidade da população brasileira. Por exemplo, não raro desconsideram-se as adaptações necessárias para se garantir a acessibilidade e a independência física das pessoas que envelhecem.

Tratando das mudanças na família e da redução do espaço físico nas moradias, Alcântara destaca:

Em face dos novos arranjos e do número reduzido de membros na família, envelhecer junto a esta é um desafio, visto que a sociedade moderna, movida pelo mundo do trabalho, não tem tempo para conviver com seus velhos. O espaço doméstico é restrito apenas ao casal e a um ou mais filhos. As mulheres, que antes cuidavam dos filhos, pais e avós, foram absorvidas pelo mercado de trabalho, e assim, esses cuidados foram transferidos às creches e aos asilos. (2004: 22)

Cunha, por sua vez, descreve:

A questão habitacional atinge os idosos de maneira intensa, pois se vêem limitados a espaços físicos cada vez mais reduzidos, sem um canto só para si, onde possam resguardar sua privacidade e descansar dos atropelos da vida familiar. Seus objetos pessoais e estimativos, adquiridos em seu trajeto de vida, impregnados de recordações, passam a ser desvalorizados pelos demais membros da família em razão da inexistência de espaço físico para guardá-los e também em função dos novos valores assumidos pela moderna família urbana. (2003: 38)

A moradia não é apenas um espaço físico, mas também significa um espaço de representações e histórias, e que dizem respeito à vida dos seus moradores, o lugar dos relacionamentos. A moradia reflete o modo de ser e de viver do seu habitante, transmitindo um pouco de sua identidade e de seu estilo de vida. Preserva-se a privacidade nesse ambiente, reservando-o para apenas algumas pessoas com as quais se

tem o desejo de uma convivência mais íntima. Pode-se dizer, ainda, que a moradia representa um espaço de refúgio e de proteção para o ser humano.

De acordo com Guerriero:

Segundo os desejos de seus habitantes, aparecem no lugar do morar fotografias, aparelhos de som, plantas, animais, enfim, artefatos que exprimem o gosto artístico ou os interesses de seus habitantes. Tais objetos são reveladores de uma ética de vivência e de um conjunto de significações embasados numa estratégia simbólica que exprime o gosto e a preferência dos moradores. (2001: 15-16)

A moradia, além da proteção e do abrigo para os seus moradores, também é o lugar para os seus pertences, objetos de estimação e as lembranças acumuladas nos anos. A questão de moradia é um item importante na vida do ser humano. Ter um lugar de descanso, proteção e de vida privada com seus familiares e amigos, é um elemento essencial para homens e mulheres de qualquer idade.

A moradia estabelece a delimitação dos espaços – público e privado –, e, conseqüentemente, das respectivas relações envolvidas em cada um desses níveis de participação e de convivência. A maneira de conviver, estipulando limites entre o público e o privado, leva a pensar também nos sentimentos de bem-estar e aconchego que as pessoas procuram ter em suas moradias. Não se trata tão somente de espaços físicos, mas o que eles significam para seus moradores.

Referindo-se ao bem-estar doméstico, Rybcznski (2002: 223) destaca: “O bem-estar doméstico é uma necessidade humana fundamental, que está profundamente enraizada em nós e que precisa ser satisfeita. [...]” E sobre a noção de conforto, o mesmo autor acrescenta:

[...] Pode ser que seja suficiente percebermos que o conforto doméstico envolve uma gama de atributos – convivência, eficiência, lazer, bem-estar, prazer, domesticidade, intimidade e privacidade – tudo isto contribui para esta sensação; o bom senso fará o resto. A maioria das pessoas – “Posso não saber porque gosto, mas sei do que gosto” – reconhece o conforto quando o sente. Esta percepção envolve uma combinação de sensações – muitas subconscientes – não só

físicas, mas também emocionais e intelectuais, o que torna o conforto difícil de se explicar e impossível de se medir. (2002: 236)

Falar de bem-estar e conforto, relacionado ao espaço da moradia, da forma de organização dos móveis e utensílios que compõem esse espaço reservado de cada um dos seres humanos, é tratar de emoções e sentimentos das pessoas em relação a todas as coisas que fazem parte dela. Assim, definir o que é esse conforto e bem-estar, em relação à moradia, é algo difícil. Envolve sentimentos que se fazem presentes em nossas vidas, não somente no que se refere a espaços físicos, referindo-se à habitação - casa -, mas também tudo o que está em seu interior e que traz lembranças de momentos da vida dos moradores.

Para Rybczynski (2002), é difícil se chegar à definição do sentido do conforto, porquanto envolve questões objetivas e subjetivas da vida das pessoas. De acordo com ele, “[...] Precisamos redescobrir por nós mesmos o mistério do conforto, pois, sem ele, as nossas casas realmente serão máquinas em vez de lares.” (2002: 236)

3. Passos da Pesquisa de Campo

O campo da pesquisa foi delimitado à Instituição Assistencial “Nosso Lar”, de Santo André (SP). O estudo teve como base o método qualitativo de investigação, que possibilitou maior proximidade do pesquisador com os sujeitos entrevistados.

Além da observação, esses dias foram dedicados aos primeiros contatos com os residentes e com os funcionários, esclarecendo que a presença da pesquisadora seria temporária, com a finalidade de realizar a pesquisa. Esse esclarecimento repetiu-se por várias vezes, pois alguns residentes estavam preocupados pensando que talvez a assistente social da instituição fosse substituída pela pesquisadora.

A coleta de dados com os residentes foi feita mediante depoimentos, utilizando-se a técnica de entrevista, tendo como guia um questionário com perguntas abertas para nortear a conversa com os residentes. Confirmado o desejo em contribuir, foram agendados os dias e horários das entrevistas, conforme a disponibilidade dos idosos. As entrevistas foram realizadas na própria instituição.

Para o trabalho de pesquisa, definiu-se a realização de seis entrevistas com residentes, sendo três senhoras e três senhores, usando-se os seguintes critérios:

- Ter idade igual ou superior a 60 anos, segundo o que estabelece a Política Nacional do Idoso;
- Residir na instituição asilar, no mínimo, um ano;
- Não apresentar demências que comprometessem a viabilidade da entrevista.

Os narradores escolheram pseudônimos para possibilitar maior liberdade de expressão e evitar possíveis constrangimentos.

Com o consentimento prévio dos entrevistados, utilizou-se um gravador durante as entrevistas, para facilitar a coleta de dados e garantir a fidedignidade das falas, além de proporcionar ao pesquisador maior liberdade para se deter a gestos, expressões dos entrevistados e maior envolvimento do entrevistador.

Após a coleta dos depoimentos, foi realizada a análise dos dados. Nesta etapa, o trabalho teve por base o levantamento bibliográfico, as entrevistas gravadas e transcritas na íntegra, as observações feitas pela pesquisadora na Instituição e registradas no diário de campo e o conhecimento adquirido da própria experiência pessoal da pesquisadora.

4. Resultados e considerações em relação à Literatura

Pode-se sustentar que, assim como a literatura aborda diferentes maneiras de envelhecer, influenciadas pela história de vida de cada pessoa, incluindo suas relações tanto familiares quanto de amizade, sua rotina de vida e suas moradias, também se demonstrou que os residentes do “Nosso Lar” se adaptaram à Instituição estudada de formas distintas, gerando percepções múltiplas sobre suas condições na casa.

O foco da pesquisa concentrou-se nessas percepções dos residentes e nas questões de convivência, dando-se menor destaque aos temas relacionados à qualidade das instalações físicas e da infraestrutura da casa. Percebeu-se, claramente, que não existe uma homogeneidade de comportamentos e visões entre os narradores. Essas diferenças estão associadas às suas respectivas histórias de vida, muitas vezes marcadas por condições particularmente difíceis, vivenciadas pelas pessoas antes da institucionalização e no processo de convivência na casa.

Como as pessoas envelhecem e vivem a velhice de formas distintas, os entrevistados encaram a institucionalização e a vida atual de modo particular, segundo a sua própria história de vida. Por exemplo, os entrevistados respondem de forma diferente às regras de convivência existentes na Instituição.

Em todos os casos, o ingresso à Instituição foi apresentado como uma alternativa. Contudo, observa-se que, na verdade, antes de ser uma alternativa, a institucionalização deu-se pela falta de alternativa, isto é, uma última possibilidade de moradia, dadas as condições precárias financeiras, de saúde ou de conflitos familiares de cada um. A institucionalização, em determinadas situações, revelou-se como a única possibilidade para algumas pessoas.

A redução dos espaços na casa da filha é apontada por uma entrevistada:

Dois cômodos pequeninhos, assim mesmo ainda dormia de um lado assim... De um lado era o armário, depois tinha a geladeira e a mesa. A minha cama... O colchão ficava entre o armário e a mesa. A cabeceira ficava na porta. (Sra. Júlia)

Nas entrevistas das Sras. Júlia e Simone, pôde-se apreender que residir com os familiares levaria a alguns problemas. No caso da Sra. Simone, os familiares saíam para trabalhar e ela necessitava do acompanhamento de outras pessoas para desenvolver suas atividades diárias. Ela passou a ficar na casa de cada irmão por algum tempo e depois os familiares decidiram pela institucionalização.

Referindo-se à sua ida para a instituição, que foi organizada por um amigo, o Sr. Dárcio mencionou ter concordado, em razão de seus problemas de saúde e das necessidades básicas no período de sua recuperação:

“A família põe, porque algum problema tem, não é? Ou de saúde, ou financeiramente... Aqui graças a Deus... Mesmo com reclamação, a gente tem tudo no horário certo... E lá fora a gente já não tem isso... A não ser que a gente tenha uma família que financeiramente esteja boa (...)” (Sr. Dárcio)

Dos seis entrevistados, três tiveram filhos, os senhores Dárcio, Cleivis e a senhora Júlia. O senhor João e as senhoras Simone e Doraci não tiveram filhos, tendo parentes e amigos, a quem não queriam incomodar, por isso optaram pela institucionalização.

Assim, confirmou-se a discussão apontada por Cortelletti e colaboradores (2004), de que a ida para a instituição pode ser justificada por vários fatores, como dificuldades de relacionamento, conflitos familiares, existência de comprometimento físico e mental, ausência de familiares e de possíveis cuidadores, e falta de recursos materiais, em decorrência de dificuldades financeiras. Portanto, decidir pela institucionalização envolve vários aspectos.

Para cinco entrevistados, o ingresso na instituição se relacionou a problemas de saúde, pois três senhores eram dependentes químicos (alcoolismo). Para a Sra. Júlia, havia a impossibilidade de possuir (e manter) uma casa própria, em razão das condições financeiras. Nos casos de quatro entrevistados, a ideia de institucionalização partiu dos parentes (como foram os casos dos senhores João e Cleivis e senhora Simone) ou de amigos (como no caso do Sr. Dárcio). Na história da Sra. Simone, a saída dos irmãos para o trabalho e seus problemas de saúde foram decisivos para a sua institucionalização. Tais condições podem dificultar ainda mais a aceitação à nova vida na instituição, como no caso do Sr. Cleivis, tirando a sua autonomia de decidir sobre a sua vida.

Apenas nos casos das senhoras Júlia e Doraci, a iniciativa da institucionalização partiu delas. Mesmo a Sra. Júlia, que fora inicialmente convidada para residir na casa da filha, acabou preferindo a instituição, pois já antevia as dificuldades de relacionamento que, provavelmente, surgiriam com uma convivência familiar tão próxima.

Para a senhora Júlia, o falecimento do seu segundo marido trouxe dificuldades de relacionamento com o enteado, em razão de ele lhe ter cedido à moradia. Em sua fala, ela deixou claro o lugar que o enteado lhe reservara, ou seja, um lugar sem a mínima condição de ser habitado e de difícil acesso. Portanto, decidiu pela instituição diante da dificuldade e do desejo de não morar com a filha:

“(...) E aí meu marido morreu e começou a encrenca.”

“(...) Ai ele queria o sobrado (...) Ele queria que eu ia pra um quarto em cima. Sem banheiro, sem água, sem nada. A escada é uma curtinha, uma comprida, uma mais comprida.” (Sra. Júlia)

Na fala da Sra. Júlia, a falta de espaço na casa da filha é mencionada como um elemento que dificultaria a mútua convivência:

“Dois cômodos pequeninhos, assim mesmo ainda dormia de um lado assim... De um lado era o armário, depois tinha a geladeira e a mesa. A minha cama... O colchão ficava entre o armário e a mesa. A cabeceira ficava na porta.” (Sra. Júlia)

A institucionalização também envolve vários aspectos de ausência de conforto físico mínimo e carência de privacidade. O Sr. Clevis disse que considerava a instituição como a sua casa, mas, como se mudar não foi uma decisão dele, parece que ainda é difícil encará-la dessa forma. Conforme se pôde observar, também compara a cama a um túmulo:

“É um piso de concreto. Parece um túmulo... Um túmulo com o colchão em cima.” (Sr. Clevis)

Também para o Sr. Clevis não há mesmo privacidade nos quartos, por causa do número de senhores dividindo o mesmo espaço. Apesar disso, ainda menciona que a instituição é hoje a sua casa:

“Não! Não tem privacidade nenhuma. Nenhuma. Não tem privacidade. É uma coletividade. Diferente de um... (?)... Porque lá fica uns três, quatro, num quarto só...” (Sr. Clevis)

“Pela lei, tinha que ter um biombo entre uma cama e outra. É lei. A privacidade é tudo, né? Privacidade é tudo.” (Sr. Clevis)

O Sr. Clevis defende o seu espaço no quarto, já que, mesmo na instituição, é o que tem como seu lugar:

“É um espaço que quem toma conta sou eu. Tenho que zelar por ele. Não admito que entre ali. E eles sabem disso. Naquele corredorzinho ali, ninguém entra.” (Sr. Cleivis)

O que diferencia os espaços de cada residente são os objetos organizados nas cômodas, que tentam preservar um pouco da individualidade e da personalidade de cada um. Apesar das dificuldades, os senhores tentam organizar os seus pertences nos salões, talvez buscando o mínimo de bem-estar, aconchego e, com isso, a preservação de suas histórias de vida.

Observando os quartos das senhoras, percebe-se que as residentes estão mais propensas a cuidar do seu espaço. Pode ser que a situação propicie uma vivência mais agradável para as senhoras, passando, inclusive, a proteger esse espaço como seu, pois lhes abriga os pertences. As senhoras Simone e Doraci organizam o seu espaço do quarto com os objetos de estimação:

“Tem uns santinhos. As pessoas vêm aqui, dão santinho e eu pego. Dá um bibelozinho e eu pego...” (Sra. Simone)

“Eu tenho as coisas de tomar banho, perfume... Tem bastante coisas ali. Copo, tenho umas flores do dia das mães que eu ganhei... chinelo...” (Sra. Doraci)

Alguns narradores conseguem lidar melhor com o fato de dividir o quarto com outras pessoas, aceitar as diferenças e as novas regras, bem como os limites da moradia coletiva. A senhora Simone foi decidida na sua afirmação, quando questionada se gostaria de um quarto só para ela. Para a senhora Júlia, a instituição atende as suas necessidades, o que não deveria acontecer antes da institucionalização:

*“Deus me livre!
Sozinha fica muito solitário.”* (Sra. Simone)

“Muita coisa que eu tenho aqui, eu não tinha na minha casa. Comida nunca faltou, graças a Deus, mas se eu comprasse um vestido, eu não poderia comprar um sapato. Se eu comprasse sapato, não comprava

vestido. E agora não. Meu criadinho tá recheado de sapato, meu guarda-roupinha está recheado de roupa... Só que a gente acostuma com pouca coisa e quando tem bastante não sabe usar. Não sabe aproveitar.” (Sra. Júlia)

Outra questão que apareceu nas narrativas foi o namoro no cotidiano dos moradores do “Nosso Lar”. A ideia muitas vezes presente de que a pessoa idosa simplesmente perde o desejo pelo sexo e, portanto, por relacionamentos afetivos e amorosos, é contrariada pelas narrativas. Os relacionamentos afetivos ou os namoros aparecem nas falas dos narradores. Verificou-se que, no caso dos entrevistados, o namoro pode acontecer entre os residentes da instituição. O interesse pelo namoro surge na hora das refeições ou na busca de parceiros para conversar, dançar, passear e assistir à televisão. No entanto, esta ainda não é uma questão totalmente resolvida na casa, a qual não dispõe, por exemplo, de uma estrutura física viável para a moradia de casais de idosos, assim como para os namoros que venham a surgir.

Hipóteses, inicialmente, aventadas, como, por exemplo, o eventual rigor excessivo das regras da casa, incluindo, entre outros, a impossibilidade de saídas, que dificultariam a possibilidade de moradia na instituição e a construção de novos relacionamentos, foram, gradualmente, descartadas.

Em respeito à capacidade de adaptação dos indivíduos, para alguns entrevistados, a institucionalização pode ter sido amenizada por não terem constituído previamente a própria família ou moradia, ou seja, pela própria condição de vida. Alguns residiam com os colegas, e outros, com parentes, dividindo o mesmo espaço. Alguns entrevistados, porém, mesmo tendo família ou parentes, acabaram residindo na instituição. Muitas das razões apontadas pela literatura (e discutidas no capítulo três) foram confirmadas nas entrevistas com os residentes. Na ausência de outras propostas de moradia, a instituição asilar transformou-se na única alternativa que restou a essas pessoas.

Na experiência de alguns narradores a aceitação (ou entendimento) da vida na instituição asilar deu-se pela religiosidade, presente na vida dessas pessoas. Isso é percebido quando o Sr. Clevis procura aceitar a sua situação atual, afirmando que precisava passar por tudo isso. Pode-se pensar que talvez considere isso como um

“castigo ou destino”, ou como uma situação que tivesse de vivenciar de qualquer maneira, como se não tivesse outra opção para a sua vida.

Apesar desse senso de conformismo pela institucionalização, algumas entrevistas revelam desejo de sair do “Nosso Lar”. A Sra. Doraci mantém a perspectiva de que a sua casa é outra, fora da instituição. Era nesta casa que ela organizava as coisas a seu modo, e onde tinha total independência para sair a qualquer horário. Suas atuais debilitações físicas limitam ainda mais a sua integração na rotina da instituição. Tinha a esperança de um dia voltar para a sua casa e seu cotidiano.

Não obstante de dizer que suas necessidades são atendidas na casa, o Sr. Dárcio gostaria de se recuperar para morar com o filho. No caso da Sra. Doraci, proprietária de uma casa, ela disse que só regressaria à residência anterior se o marido saísse (porém, este é dependente químico). Dadas, porém, suas limitações físicas, ela reconheceu que, mesmo em seu próprio lar, precisaria da ajuda de terceiros para a auxiliar em algumas atividades rotineiras.

5. Conclusões

Como principal conclusão deste trabalho, pode-se sustentar que a análise empírica confirma a abordagem da literatura sobre diferentes maneiras de se envelhecer. Esta pesquisa demonstrou que os residentes da Instituição Assistencial “Nosso Lar”, do município de Santo André (SP), se adaptaram à instituição de forma específica, gerando percepções distintas sobre suas condições de moradia.

Percebe-se, claramente, que não existe uma homogeneidade de comportamentos e visões entre os narradores. Essas diferenças estão associadas às suas respectivas histórias de vida, muitas vezes marcadas por condições particularmente difíceis (vivenciadas pelas pessoas antes da institucionalização e durante o processo de adaptação à nova moradia).

Em todos os casos, o ingresso à instituição foi apresentado como uma alternativa. Contudo, observa-se que a institucionalização constitui uma falta de alternativa, isto é, uma última possibilidade de moradia, dadas as condições precárias financeiras, de saúde e de conflitos familiares de cada um. A institucionalização, em determinadas situações, surge como a única possibilidade para algumas pessoas. Essa

ausência de perspectiva alternativa pode dificultar o processo de adaptação na instituição.

Alguns residentes procuram, porém, se adaptar à instituição e encontrar pontos favoráveis na moradia coletiva. Em muitos momentos, entende-se que aceitar a institucionalização não é apenas acomodar-se, mas pode representar a “sabedoria” de compreender sua própria situação e aprender a “lidar com os outros residentes e com os acontecimentos diários da instituição asilar”.

O que diferencia os espaços de cada residente são os objetos organizados nas cômodas, que tentam preservar um pouco da individualidade e da personalidade de cada um.

Apesar das dificuldades, os senhores tentam organizar os seus pertences nos salões, buscando o mínimo de aconchego e a preservação de suas histórias de vida. As senhoras encontram uma situação mais propícia para cuidar do seu espaço e abrigar os seus pertences. De qualquer forma, a capacidade de adaptar-se ao ambiente coletivo em detrimento da privacidade é característica muito pessoal.

Como últimas reflexões, pode-se, primeiramente, dizer que este trabalho empírico confirma a importância da moradia no processo de envelhecimento. Trata-se de um conceito que precisa ser abraçado em um sentido mais amplo (não apenas na acepção de uma estrutura física).

A moradia é também o lugar da vida privada e dos relacionamentos. Por isso, as ILPIs - Instituições de Longa Permanência para Idosos e as autoridades públicas que coordenam e fiscalizam essas entidades devem crescentemente preocupar-se com essas questões importantes da vida das pessoas. As moradias devem ser pensadas como espaços para o desenvolvimento das relações e para a troca de experiências, aprendizagem e socialização.

Em segundo lugar, pode-se afirmar que as instituições asilares, mesmo quando se encontram distantes de uma situação ideal (sob a perspectiva da qualidade do espaço físico e da infraestrutura) permanecem vitais para determinadas situações. Contudo, em certos casos, outras opções, tais como centros-dia, centros de referência e programas de internação domiciliar, talvez se revelem mais adequadas. Poder-se-ia adiar a institucionalização dos idosos, auxiliando seus familiares (ou próximos) nos cuidados e mantendo os idosos por mais tempo no convívio familiar. As políticas públicas devem

organizar uma rede de serviços para a população idosa e as instituições de longa permanência não representam a única solução.

Preparar-se para o envelhecimento populacional, no caso do Brasil, vai exigir novas concepções de moradia, que não pensem unicamente em atender às necessidades de alimentação, serviço médico ou lugar para descanso dos idosos.

Referências

- Alcântara, A.de O. (2004). *Velhos Institucionalizados e Família: entre abafos e desabafos*. Campinas (SP): Alínea.
- Avelar, M.C.de M. (2007). *O Cotidiano dos Idosos na Instituição Assistencial "Nosso Lar" do município de Santo André*. 118f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Cortelletti, I.A.; Casara, M.B. & Herédia, V.B.M. (Orgs.). (2004). *Idoso Asilado: Um Estudo Gerontológico*. Rio Grande do Sul: Educs: EdiPucRS.
- Cunha, M.C.A.de B. (2003). *Asilo de Velhos: Espaço Possível de Vivência Afetiva, de Vida (In) Digna?* Dissertação (Mestrado em Gerontologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Debert, G.G. (1999). *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Edusp: Fapesp.
- Guerriero, M.A. (2001). *Vivendo, Convivendo, Sonhando: O Cotidiano dos Idosos Moradores nas Repúblicas da Cidade de Santos (SP)*. Dissertação (Mestrado em Gerontologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 1/10/05.
- Mercadante, E.F. (1997). *A Construção da Identidade e da Subjetividade do Idoso*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Rybczynski, W. (2000). *Casa: Pequena História de uma Ideia*. (Betina Von Staa, Trad.). (3ª ed.). Rio de Janeiro: Record.
- Varella, A.M.R.S. (2003). *Envelhecer com Desenvolvimento Pessoal*. São Paulo: Escuta.
- Vieira, E.B. (2001). *Instituição Gerontológica: Interdição do idoso ou possibilidade de reconstrução da história de vida?* Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Recebido em 20/09/2010

Aceito em 25/11/2010

Maria Cristina de Mello Avelar – Assistente Social. Mestre em Gerontologia/PUC-SP. Doutoranda em Ciências Sociais/PUC-SP.

E-mail: m-crismello@hotmail.com